

arte

Foto: Estúdio em Obras



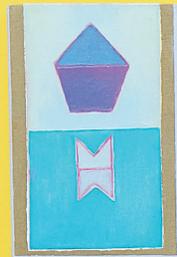
SÉRGIO LUCENA
Pulsância série
#22
2023
Óleo sobre tela
Cortado do artista e Simões de Azevê



SÉRGIO LUCENA
Pulsância série
#23
2023
Óleo sobre tela
Cortado do artista e Simões de Azevê



SÉRGIO LUCENA
Pulsância série
#24
2023
Óleo sobre tela
Cortado do artista e Simões de Azevê



SÉRGIO LUCENA
Pulsância série
#25
2023
Óleo sobre tela
Cortado do artista e Simões de Azevê



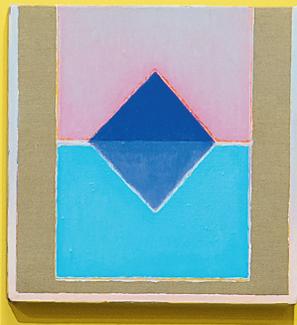
SÉRGIO LUCENA
Pulsância série
#26
2023
Óleo sobre tela
Cortado do artista e Simões de Azevê

Na raiz do tempo, a matriz da cor

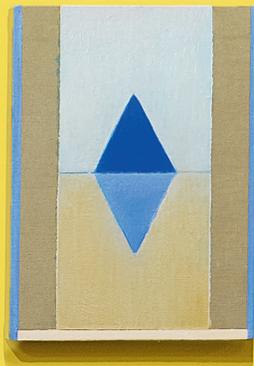
Claudinei Roberto da Silva



SERGIO LUCENA
Pintura a óleo
#22
2021
Oleo sobre tela
Cedera de arte e Simões de Azev



SERGIO LUCENA
Pintura a óleo
#23
2021
Oleo sobre tela
Cedera de arte e Simões de Azev



SERGIO LUCENA
Pintura a óleo
#24
2021
Oleo sobre tela
Cedera de arte e Simões de Azev



SERGIO LUCENA
Pintura a óleo
#25
2021
Oleo sobre tela
Cedera de arte e Simões de Azev

Sérgio Lucena, artista paraibano radicado em São Paulo, aqui foi primeiramente acolhido pelo mestre pintor Aldemir Martins, cearense, que, como Lucena, soube traduzir na sua obra questões relevantes que, em Sérgio Lucena, são tornadas claras através do projeto pictórico desenvolvido pelo artista ao longo de, pelo menos, quatro décadas de trabalho intensamente dedicado à pintura. A um e a outro artista interessam suas raízes, seu lugar de origem, certo território natal onde a força pungente e sempre presente da luz solar é transmutada em experiência sensível através da cor que a pintura traduz e celebra.

Em Sérgio Lucena, a vitalidade da linguagem pictórica também pode ser verificada ou confirmada a partir de processos que, articulados pelo artista, resultam em obras de alta voltagem poética e grande densidade simbólica. Desse projeto, participam vários elementos que se articulam

na superfície sensual das telas. Assim, nas narrações plásticas que o pintor nos apresenta está implicada uma espécie de cosmogonia derivada das festas brasileiras profanas e sacras, frequentemente associadas às manifestações da religiosidade de matriz africana, e também do sincretismo cultural caboclo e originário, das sínteses da arquitetura de viés popular e nordestino. Enfim, os cruzamentos, as encruzilhadas e os encontros (nem sempre pacíficos) que são marcas indeléveis da nossa cultura também contribuem para a realização dessa pintura, que, por complexa, não desmente ou contesta certas conquistas das escolas de pintura do Ocidente, notadamente daquelas acontecidas na Europa e nos Estados Unidos.

O resultado, verificado nas pinturas de Lucena, propõe, delicada e sutil-

CLAUDINEI ROBERTO DA SILVA é educador, licenciado pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, curador e artista visual.

mente, uma narrativa em que convivem aquilo que convencionalmente denominamos de “arte erudita” e “arte popular”. A falsa dicotomia que opõe o “popular” ao “erudito” é corroída através da tese expressa na pintura de Sérgio Lucena, já que o artista, coerentemente, não reconhece a preponderância de uma “escola” sobre outra. Desse modo, na parcela que corresponde à fase inicial do artista existe uma vinculação clara e consentida com o Movimento Armorial. Criado e liderado por Ariano Suassuna (1927-2014), o movimento consagrou a arte erudita e popular concebida numa matriz autóctone, nacional e marcadamente nordestina, mas que confessa influências outras como, por exemplo, a da cultura árabe. Já temos renunciada, nesta fase, questões que serão caras a Sérgio Lucena e que permeiam todo seu trabalho, questões que se referem ao emprego da cor para a criação de “campos de luz”. Nas pinturas da série *Deuses*, por exemplo, a luz que ilumina as criaturas fantásticas tem uma evidente importância na elaboração da atmosfera que envolve essas composições. Essa luminosidade vai paulatinamente ganhando espaço nas narrativas plásticas do artista e, aos poucos, vai diluindo a figura que assim dá lugar às abstrações da fase que a sucede.

TEATRO DO MEU FASCÍNIO

A relativamente recente fase do trabalho de Sérgio Lucena que corresponde à série *Teatro do meu fascínio* é caracterizada por pinturas, em geral de grandes

dimensões, que sincretizam tradições da pintura ocidental, além de outros simbolismos que remetem, como já foi dito, a matrizes culturais originárias e afrodiáspóricas. Nessas obras os ritmos tonais são interceptados por signos que, além de potencializar as cores, sugerem ou explicitam a aliança do artista com a religiosidade afro e indígena.

FESTA NO INTERIOR

Por meio da erosão de hierarquias entre documentos, objetos de uso cotidiano, artefatos de trabalho e obras de arte de várias linguagens e épocas, a expografia da exposição de longa duração organizada por Emanuel Araujo para o Museu Afro Brasil, que hoje incorpora o seu nome, é enfática em afirmar que é falsa a dicotomia entre o que convencionalmente chamamos de “arte popular” e a assim denominada “arte erudita”.

No trabalho artístico realizado por artistas “populares” percebemos, frequentemente, uma sofisticação que é alcançada através de conhecimentos não acadêmicos e que não são, por isso, menos engenhosos e brilhantes. Lucena conheceu a realidade e a paisagem que estimulavam, abasteciam e faziam desenvolver essas sensibilidades “populares”; alguns signos dessa cultura estão presentes nos seus últimos trabalhos, aliados a um rigor construtivo que foi filtrado em outras matrizes.

A propósito, as ilações simbólicas implícitas ou explícitas, que na obra de Lucena remetem ao universo imagético das culturas originárias e afrodiáspóricas,

surgem, inclusive, da adesão do artista à religiosidade afrodiaspórica. No caso dessa exposição acontecida no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo oferece uma camada extra de complexidade ao evento e justifica os dois “Ferros de Santo”, do mestre ferreiro José Adário, presentes na mesma galeria em que Lucena exhibe suas obras. Mas, atenção: também, e talvez principalmente, o rigor formal das obras do mestre Adário seja o responsável pelo estabelecimento de um profícuo diálogo com a pintura de Lucena. Assim, paulatinamente, Sérgio Lucena constrói o vocabulário que estabelece sua singular semântica pictórica, seu universo alegórico e lírico que o tempo vai transformando e adensando.

Visto que exigentes, os percursos que sedimentam essa obra também solicitam tempo, tempo que, na sua grande extensão, denuncia o grau de comprometimento do trabalhador artista com seu projeto ético-estético. Assim, o tempo dedicado à construção da obra pode, eventualmente, delatar, nesse projeto, a sua espessura poética e, por que não, sua densidade política. Afinal, a profissão de fé ao fazer artístico contradiz e enfrenta a hostilidade que, historicamente, em nosso país, ainda se dedica à arte, à educação e à cultura.

Foto: Estúdio em Obras



Sérgio Lucena celebrou 40 anos de trajetória em exposição no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo



Foto: Léo Faria



Sérgio Lucena no ateliê



O quadro nº 0, 1991. Acrílico sobre tela

Foto: Marcio Fischer



Cervo, 2004. Óleo sobre linho

Foto: Marcio Fischer



Rei alado, da série *Deuses da Terra*, 2004. Óleo sobre linho

Foto: Marcio Fischer



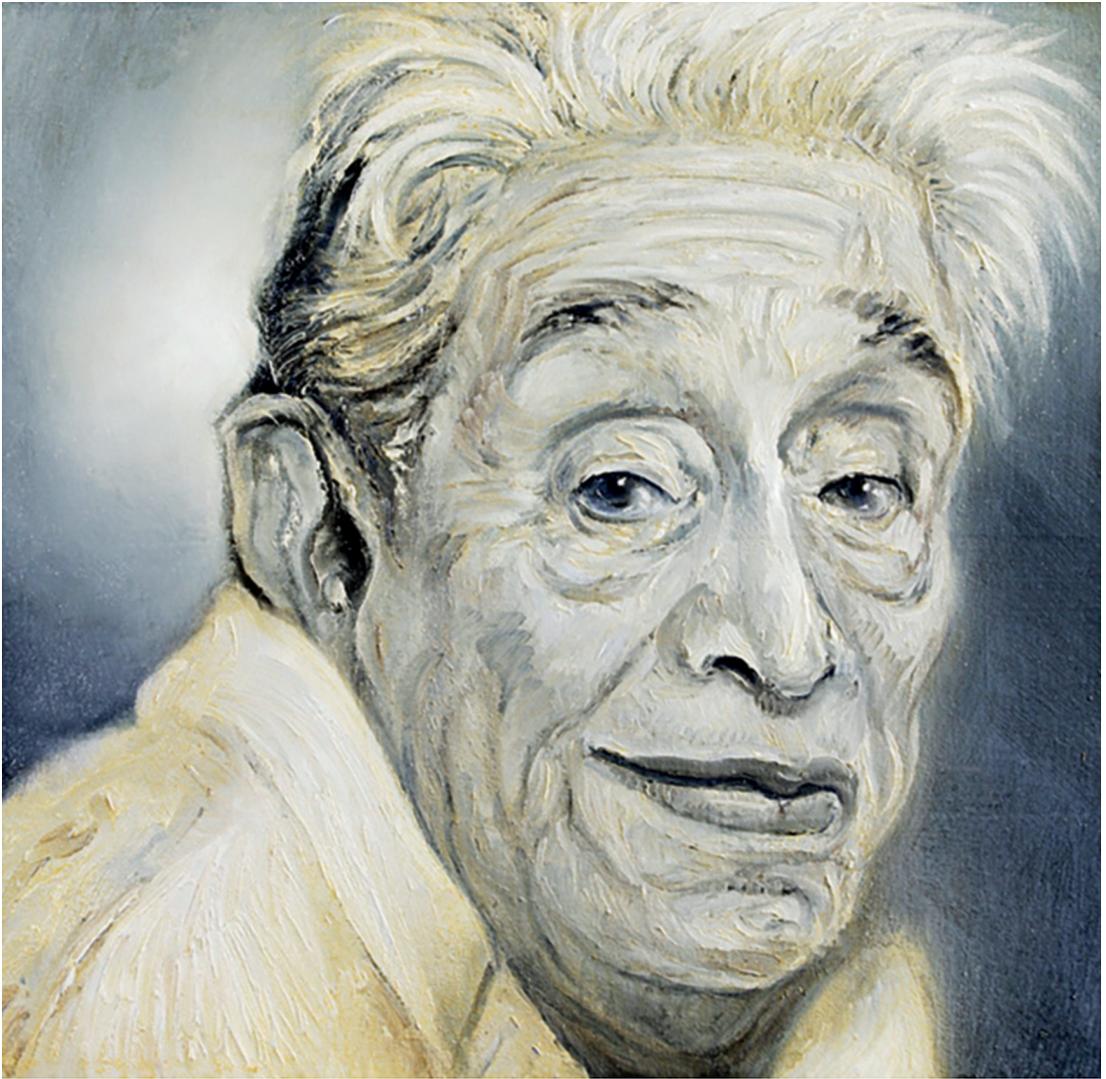
Lagarto que ri, da série *Deuses da Terra*, 2005. Acrílica sobre cartão schoeller

Foto: Marcio Fischer



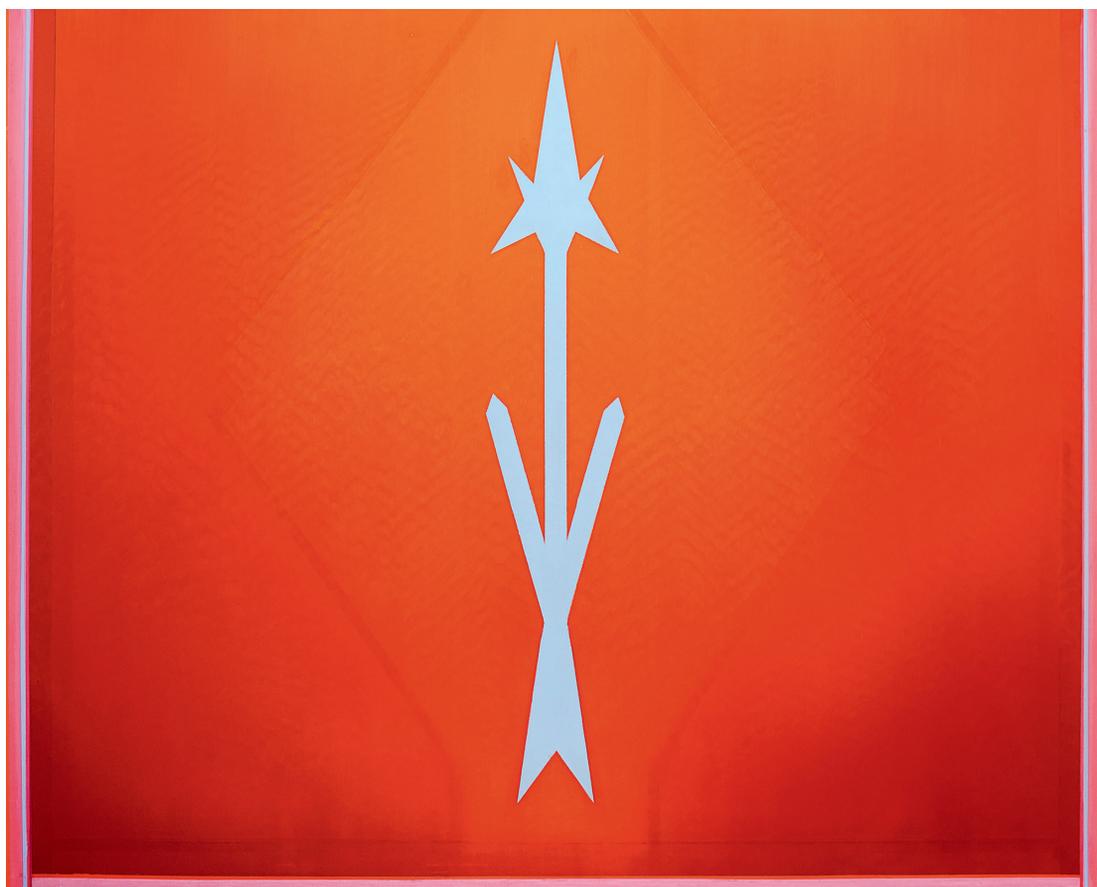
Carneiro caramujo, da série *Deuses da Terra*, 2006. Acrílica sobre cartão fabrianno

Foto: Marcelo Fischer



Retrato de Aldemir Martins, 2006. Óleo sobre linho colado sobre madeira

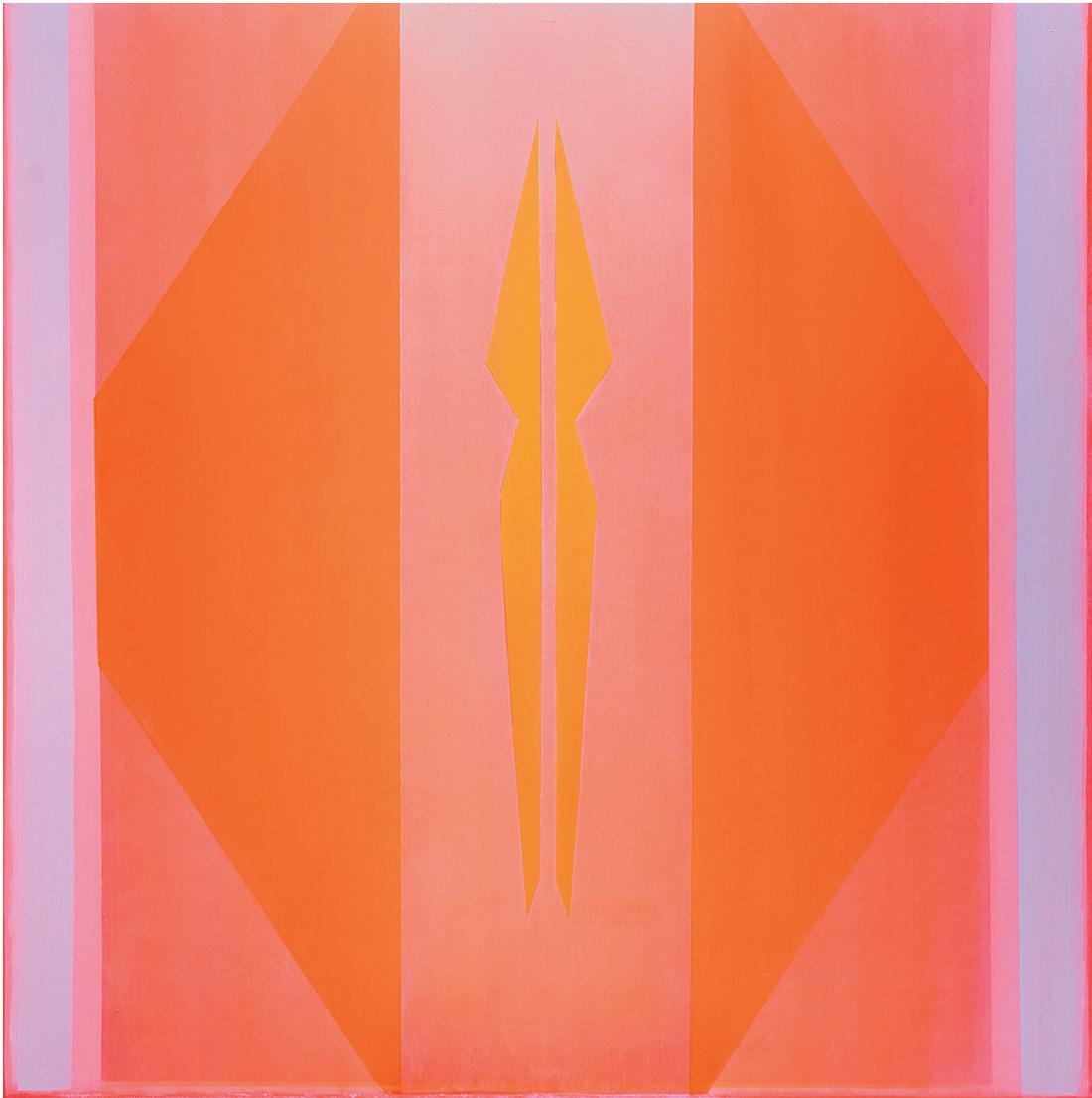
Foto: Marcio Fischer



Série *Teatro do meu fascínio*, nº 01, 2020. Óleo sobre tela



Foto: Marco Fischer



Série *Teatro do meu fascínio*, nº 13, 2020. Óleo sobre tela

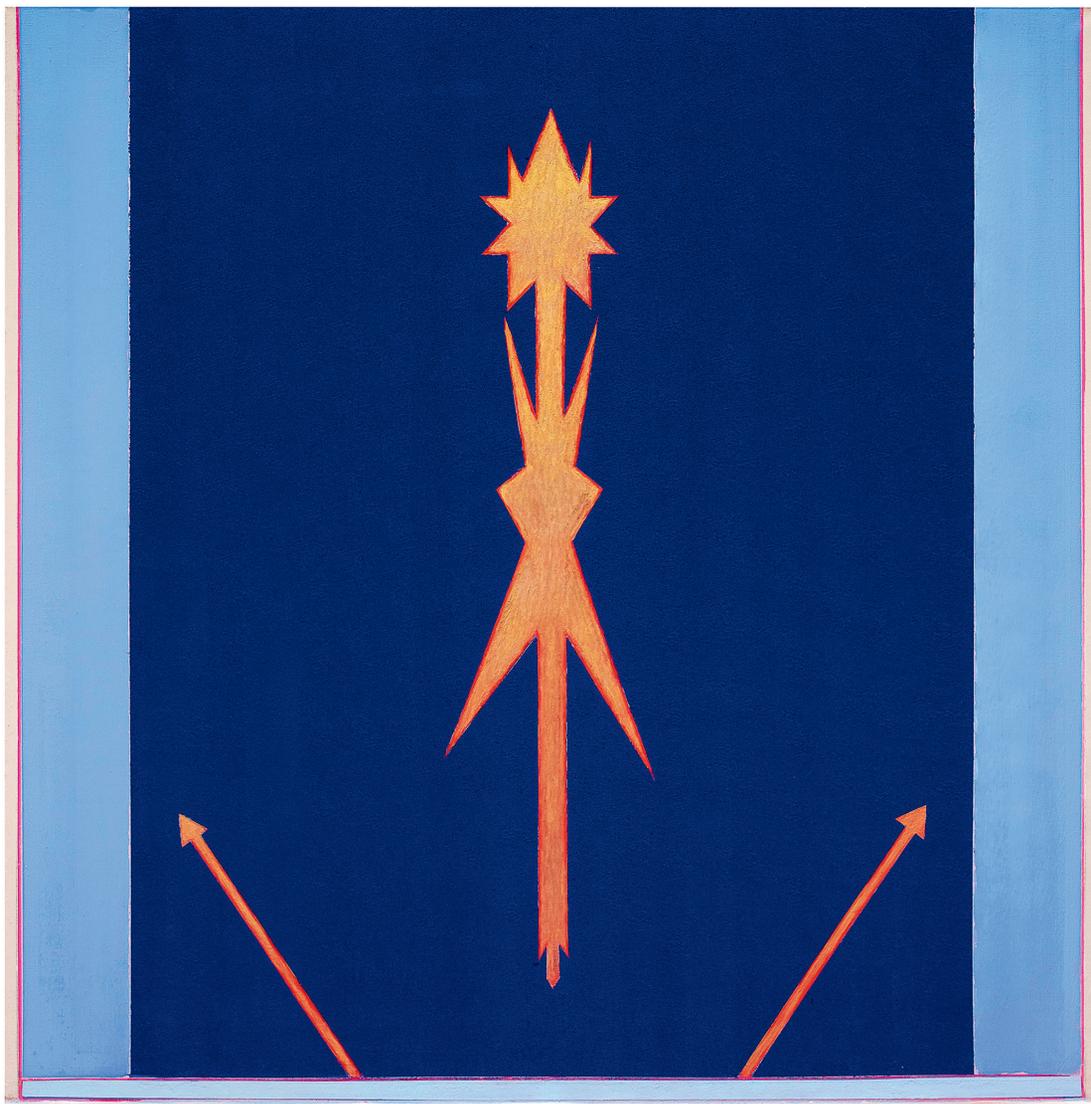


Foto: Marcio Fischer



The big blue, 2020-21. Óleo sobre tela

Foto: Marcelo Fischer

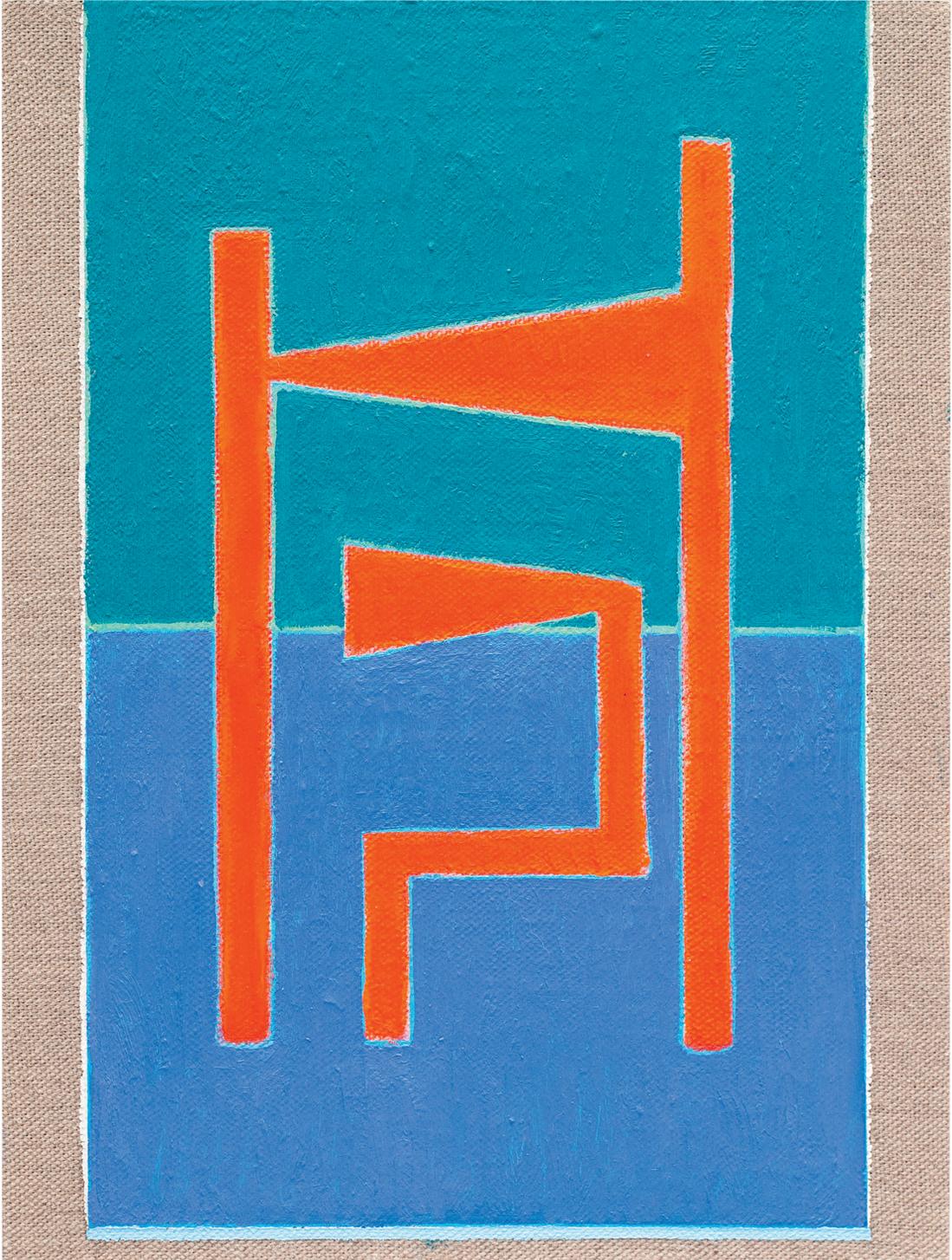


Série *Teatro do meu fascínio*, nº 18, 2020-23. Óleo sobre tela



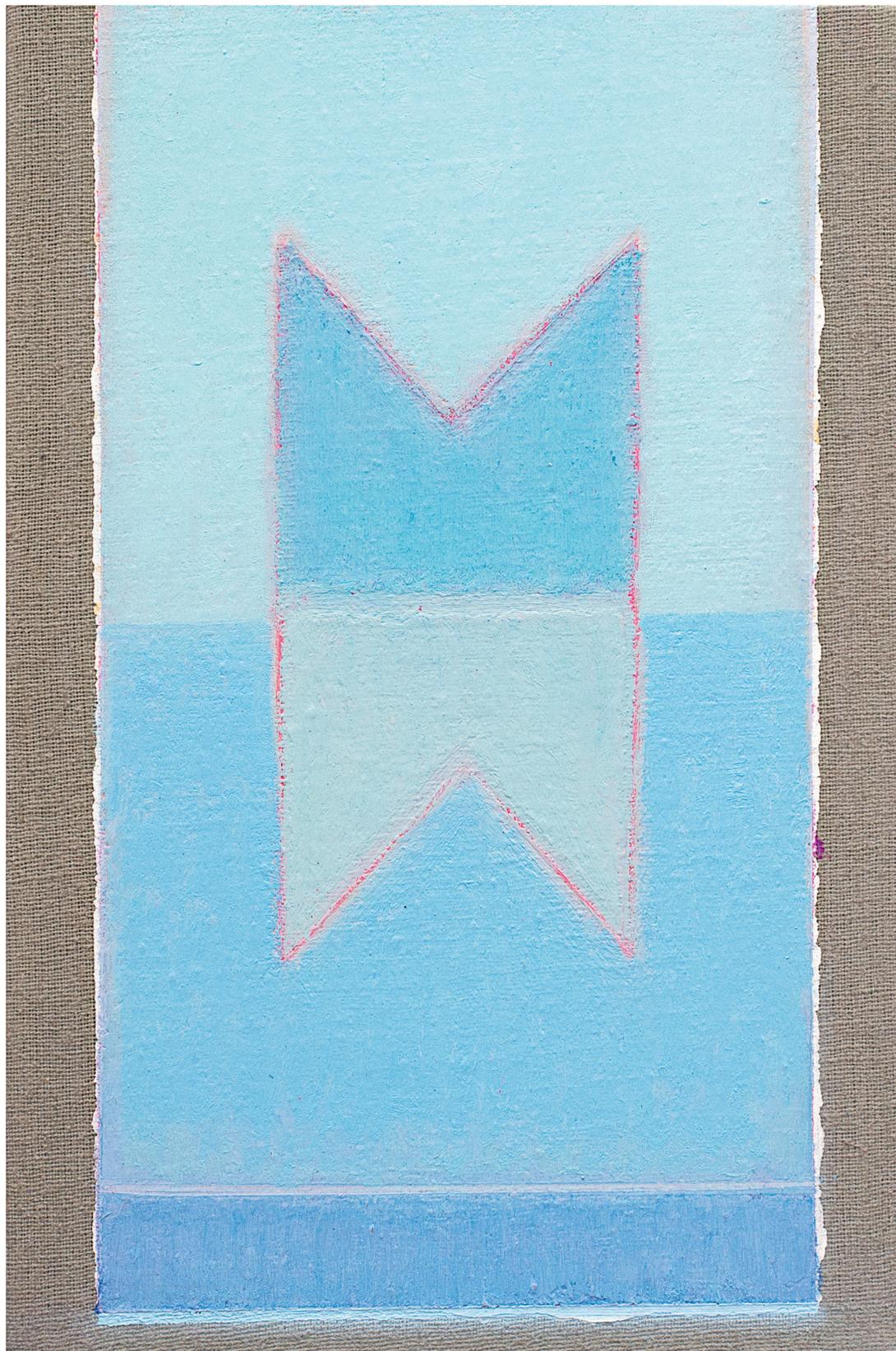
Foto: Marció Fischer

Série *Platibanda*, nº 04, 2023. Óleo sobre tela



Série *Platibanda*, nº 15, 2023. Óleo sobre tela

Foto: Marcelo Fischer



Série *Platibanda*, nº 23, 2023. Óleo sobre tela